



Prevalência de atividade física e associação com fatores sociodemográficos em docentes de Macapá-Amapá, Brasil

Prevalence of physical activity and association with sociodemographic factors among teachers in Macapá-Amapá, Brazil

AUTORES

Danylo José Simões Costa¹

Felipe Fossati Reichert¹

¹ Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

CONTATO

Danylo José Simões Costa
danylo_costa18@hotmail.com

Av: Brunei, n. 496, Macapá, Amapá, Brasil.
CEP: 68906-802.

DOI

10.12820/rbafs.30e0409



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Copyright© 2025 Danylo José Simões Costa,
Felipe Fossati Reichert

RESUMO

Objetivo: Analisar a prevalência de níveis de atividade física de lazer e deslocamento ativo e sua associação com fatores sociodemográficos entre docentes da rede básica e superior de ensino de Macapá, Amapá, Brasil. **Métodos:** Trata-se de estudo transversal, conduzido com 968 docentes (média idade 43 anos e 41% homens). Os dados foram coletados com questionário sobre aspectos sociodemográficos, atividade física de lazer e deslocamento (Questionário International de Atividade Física, versão longa). Foram realizadas análises descritivas, bivariadas e multivariável pela regressão de Poisson. **Resultados:** A prevalência de atividade física suficiente ($\geq 150\text{min/semana}$) no lazer e deslocamento foi de 57,2% (IC 95%: 54,10 – 60,35) e 16,3% (IC 95%: 13,99 – 18,65), respectivamente. Homens demonstraram maior atividade física de lazer e deslocamento comparado às mulheres. Docentes sem filhos e que moram em condomínios foram mais ativos no lazer, enquanto ter três ou mais filhos esteve associado a níveis mais baixos de atividade física. Professores com doutorado foram mais ativos em todos os domínios. Houve associação positiva entre professores que se declararam de raça/cor amarela e maior atividade física no deslocamento. Docentes com 60 anos ou mais apresentaram maior atividade física no deslocamento, porém, sem significância estatística, assim como renda, esfera de ensino (rede básica ou superior), estado civil e pós-graduação em curso. Docentes apresentaram níveis de atividade física satisfatória, porém, no deslocamento mantiveram-se com escores baixos. **Conclusão:** Os docentes foram mais ativos no lazer do que no deslocamento, com maior prevalência entre homens, sem filhos e doutores. Os achados reforçam a necessidade de políticas que incentivem a atividade física na categoria docente.

Palavras-chave: Professores; Atividade física; Fatores sociodemográficos.

ABSTRACT

Objective: To analyze the prevalence of sufficient levels of leisure physical activity and active transportation, and its association with sociodemographic factors among teachers in the basic and higher education systems in Macapá, Amapá, Brazil. **Methods:** This was a cross-sectional study conducted with 968 teachers (mean age 43 years, 41% men). Data were collected using a questionnaire on sociodemographic aspects, leisure-time physical activity, and commuting (International Physical Activity Questionnaire - long version). Descriptive, bivariate, and multivariate analyses were performed using Poisson regression. **Results:** The prevalence of sufficient physical activity ($\geq 150\text{ min/week}$) in leisure and commuting was 57.2% (95% CI: 54.10 – 60.35) and 16.32% (95% CI: 13.99 – 18.65), respectively. Men demonstrated greater physical activity during leisure time and commuting compared to women. Teachers without children who lived in condominiums were more active during leisure time, while having three or more children was associated with lower levels of physical activity. Teachers with doctorates were more active in all domains. A positive association was found between teachers who identified themselves as Asian and greater physical activity during commuting. Teachers aged 60 years or older demonstrated greater physical activity during commuting, although this difference was not statistically significant. Similarly, income, teaching level (basic or higher education), marital status, and participation in ongoing graduate studies also showed no statistically significant differences. **Conclusion:** Teachers showed satisfactory levels of physical activity, but their commuting scores remained low. It was concluded that teachers were more active during leisure time than when commuting, with a higher prevalence among men, those without children, and those with doctorates. The findings underscore the importance of policies that promote physical activity among teachers.

Keywords: Teachers; Physical activity; Sociodemographic factors.

Introdução

A atividade física (AF) é essencial para promoção da

saúde e qualidade de vida. Praticar AF possibilita a prevenção e o tratamento de doenças crônicas, como

hipertensão, diabetes tipo 2 e obesidade¹. Além disso, contribui para a saúde mental, reduzindo sintomas de estresse, ansiedade e depressão². No Brasil, há cerca de 178 mil escolas e 112 universidades públicas, incluindo aproximadamente 2,4 milhões de professores. A atividade docente é marcada por elevado desgaste físico e mental, falta de recursos e capacitação insuficiente, ambientes de trabalho inadequados e baixa remuneração.

Esses fatores dificultam o engajamento em hábitos saudáveis, mesmo entre professores que reconhecem os benefícios da AF para a saúde³. As exigências do sistema educacional impõem altas demandas de trabalho aos docentes, podendo impactar negativamente sua saúde^{4,5}. Por outro lado, os hábitos de vida influenciam diretamente o desempenho e a qualidade do trabalho dos professores^{6,7}.

Apesar da relevância, o nível de AF entre docentes é pouco investigado. Poucos estudos investigaram AF entre docentes do ensino superior e estudos com docentes apontaram prevalências de AF entre 11,9% e 47,9%⁸⁻¹². Escassos também são estudos^{13,14} explorando a associação entre AF no deslocamento e fatores sociodemográficos. Os professores da rede pública apresentam altas taxas de morbidade relacionadas ao trabalho, incluindo distúrbios musculoesqueléticos, fadiga crônica, ansiedade e depressão e burnout¹⁵. A prática de AF pode melhorar o desempenho docente e a saúde ocupacional ao aumentar concentração, memória, motivação e cognição¹⁶.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde¹⁷, todos os adultos devem praticar pelo menos 150 minutos de AF moderada por semana, 75 minutos de AF vigorosa, ou uma combinação equivalente. A AF pode ser realizada em diferentes domínios: ocupacional, doméstico, lazer e deslocamento¹⁸. Contudo, há lacunas na literatura, especialmente na região Norte do país. Faltam estudos sobre docentes da educação básica e superior de instituições públicas que considerem seu perfil sociodemográfico e condições de vida e trabalho. Características demográficas, socioeconômicas e familiares são pouco estudadas e normalmente analisadas sem considerar fatores de confusão e os diferentes domínios da AF.

A investigação dos domínios de lazer e deslocamento é importante por serem mais modificáveis na rotina dos professores, pois o trabalho docente pode reduzir a oportunidade para AF ocupacional ou doméstica. A análise separada dos domínios permite identificar barreiras¹⁹ específicas, já que o lazer depende da motivação

e tempo livre, enquanto o deslocamento está ligado também à infraestrutura e ao ambiente.

Na região Norte do Brasil, fatores contextuais também podem limitar a prática de AF. Em Macapá, o clima quente e úmido, aliado às chuvas frequentes, dificultam a realização de atividades ao ar livre. Além disso, a precariedade da infraestrutura urbana – marcada pela ausência de calçadas e ciclovias, presença de rios e canais que interrompem trajetos, e por áreas florestais no perímetro urbano, comprometem a mobilidade e segurança.

A comparação entre docentes da rede básica e superior justifica-se pelas distintas realidades institucionais e organizacionais em que atuam. Professores da rede básica lidam com múltiplas turmas, alta carga horária e vínculo em mais de uma escola. Em contrapartida, docentes do ensino superior dispõem de maior flexibilidade de horários e incentivo institucional à saúde, fatores que favorecem comportamentos ativos²⁰.

Diante da escassez de estudos na região amazônica sobre a relação entre AF e fatores sociodemográficos, este estudo teve como objetivo analisar a prevalência de professores das redes básica e superior que atingem as recomendações de AF nos domínios lazer e deslocamento, e sua associação com fatores sociodemográficos.

Métodos

Estudo transversal, de base escolar e universitária, com abordagem quantitativa, realizado entre agosto e dezembro de 2024, em Macapá (440 mil habitantes), capital do Amapá, localizada em área amazônica, região Norte do Brasil.

A população-alvo foram os 4968 professores das escolas públicas estaduais e 582 da Universidade Federal do Amapá lotados no campus da capital. Como critérios de inclusão, os docentes da rede básica deveriam ser efetivos e estar lecionando em sala de aula em algum nível de ensino: fundamental, médio ou Educação de Jovens e Adultos. Como critérios de exclusão: professores atuando na direção, supervisão, coordenação ou docentes com contrato temporário. Professores universitários deveriam ser efetivos e atuar em ensino, pesquisa ou extensão na graduação ou pós-graduação, independentemente da carga horária. Aqueles em licença médica que impedisse de participar da pesquisa não eram elegíveis.

Foram selecionadas 28 escolas estaduais com as seguintes características: a) ofereciam ensino fundamental (6º ao 9º ano), médio (1º ao 3º ano) e/ou Educa-

ção de Jovens e Adultos; b) tinham entre 600 e 2000 alunos, c) tinham pelo menos 20 docentes com carga horária regular de até 24 horas/aula semanais e; d) não eram exclusivas para ensino especial, técnico, de música ou idiomas. As escolas também precisavam estar localizadas em um raio de até 30 km do centro urbano, o que abrange a maior parte das zonas urbana e rural. Esses critérios garantiram viabilidade logística, padronização mínima do ambiente escolar e representatividade do contexto urbano da docência em Macapá. O objetivo foi garantir a comparabilidade entre as escolas e favorecer a representatividade da docência em instituições de porte médio, que predominam na rede estadual urbana e rural de Macapá. Evitou-se a inclusão de escolas com mais de 2.000 alunos por apresentarem características atípicas, como maior complexidade administrativa e concentração de professores temporários.

A amostragem foi estratificada por escolas da zona urbana e rural e para os professores universitários por departamentos acadêmicos. Após a autorização formal da direção das escolas e da universidade, obteve-se a lista de todos os docentes e conforme o número de elegíveis em cada escola e departamento acadêmico, realizou-se um sorteio por amostragem aleatória estratificada e proporcional.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Humana da Universidade Federal de Pelotas (CAAE: 81450324.1.0000.5313). Após a autorização das instituições, todos os docentes sorteados foram convidados a participar do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme resolução nº 466/2012, garantindo o anonimato, a confidencialidade e os direitos aos participantes.

Considerando uma prevalência de AF suficiente de 40%, margem de erro 4 pontos percentuais, *design effect* de 1,5 e 29 clusters (28 escolas e 1 cluster referente a universidade) (CDC, Atlanta, EUA), indicou a necessidade de 951 professores. Além disso, foi realizado o cálculo amostral considerando os fatores associados com poder de 80% e alfa de 5%. O cálculo de tamanho da amostra foi realizado no Epi Info 7.2. Considerou-se ainda um acréscimo de 10% para perdas e recusas e 15% para ajuste de fatores de confusão em análise multivariável. Antes da coleta de dados, o questionário foi testado em 23 docentes não pertencentes a amostra final para avaliar a compreensão e duração do questionário. O tempo de resposta foi aproximadamente de 15 minutos.

A aplicação do Questionário Internacional de Ati-

vidade Física¹⁷ (versão longa, com os domínios lazer e deslocamento) foi conduzida pelo pesquisador responsável de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e tarde no formato presencial. Na universidade a aplicação ocorreu durante as reuniões de colegiado; nas escolas, conforme cronograma acordado com cada unidade de ensino. Escolheu-se usar apenas esses dois domínios por serem mais modificáveis na rotina docente, permitindo avaliar aspectos da AF ligados ao tempo livre e à mobilidade, que podem ser alvo de intervenções em melhorias de AF.

Os cálculos do tempo de AF seguiram propriedades psicométricas do Questionário Internacional de Atividade Física^{21,22}, somando-se o tempo semanal das atividades moderadas e o das vigorosas, sendo estas últimas multiplicadas por dois para refletir seu maior gasto energético. Consideraram-se apenas deslocamentos ativos (a pé ou de bicicleta), excluindo-se o transporte passivo, por não representar AF.

As covariáveis analisadas foram: gênero, idade (em faixas etárias), raça/cor, estado civil, presença e número de filhos, renda mensal bruta, tipo de moradia, formação acadêmica concluída, esfera de atuação (básica ou superior) e pós-graduação em curso. A renda foi avaliada com pergunta constituindo faixas pré-definidas de valores mensais (R\$ 1.320 a R\$ 3.960; R\$ 3.961 a R\$ 6.600; R\$ 6.601 a R\$ 9.240; R\$ 9.240 ou mais), e posteriormente classificada em tercis (baixa, média e alta). Os fatores sociodemográficos foram definidos com base em estudos anteriores com docentes⁸⁻¹².

Para o desfecho, considerou ativos aqueles que atingiram ≥ 150 minutos semanais no lazer e no deslocamento, separadamente e também se somou lazer e deslocamento para criação da variável AF combinada (total) e foram categorizadas em ativos (AF suficiente) e não ativos (AF insuficiente)¹⁸, ressalta-se que essa categorização não representa necessariamente o cumprimento das recomendações totais de AF da Organização Mundial de Saúde e sim apenas dos dois domínios selecionados.

Os dados coletados foram digitados e checados duplamente no Epiinfo 7.2.6. Para a análise de dados foi utilizado o Stata 12. Foi realizada análise descritiva das variáveis sociodemográficas e da prática de AF de lazer, deslocamento e combinada entre eles. Para verificar a associação entre os fatores sociodemográficos e prática da AF, foi utilizado o teste do qui-quadrado e tendência linear para variáveis ordinais.

A análise multivariável para testar a associação

bruta e ajustada à potenciais determinantes sociodemográficos foi realizada por modelos de regressão de Poisson com variância robusta. Todas as variáveis com análise bivariada foram incluídas no modelo, sendo ajustadas para seu próprio nível ou nível mais distal no modelo hierárquico. O modelo hierárquico considerou três níveis: distal (características demográficas), intermediário (condições socioeconômicas e de moradia) e proximal (situação familiar e acadêmica). Não foi identificada colinearidade entre as variáveis independentes. O nível de significância foi de 5%.

Resultados

Foram abordados 107 docentes da universidade e 886 das escolas públicas. Recusaram-se a participar 6 docentes da universidade e 20 das escolas (12 recusas e 8 desistências durante o preenchimento). Portanto, a amostra final foi de 968 docentes, sendo 101 da universidade e 867 das escolas (taxa de resposta = 97,5%). Em relação às características sociodemográficas (Tabela 1), 58,2% eram do gênero feminino e 63,3% autodeclararam-se pardos. A faixa etária mais frequente foi de 40-49 anos (40,6%). A maioria possuía companheiro(a) ou cônjuge (54,4%) e filhos (72%), sendo mais comum ter apenas um filho (27,8%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Descrição da amostra de professores/as da rede básica estadual e rede superior federal, segundo variáveis sociodemográficas, atividade física de lazer, deslocamento e combinada

Variáveis	n (%)
Gênero	
Masculino	405 (41,8)
Feminino	562 (58,2)
Raça/cor	
Parda	613 (63,4)
Preta	119 (12,3)
Branca	216 (22,3)
Amarela	13 (1,3)
Indígena	7 (0,7)
Idade (anos)	
21-29	66 (6,8)
30-39	235 (24,3)
40-49	393 (40,6)
50-59	222 (22,9)
60+	52 (5,4)
Estado Civil	
Com companheiro/a ou cônjuge	527 (54,4)
Sem companheiro/a ou cônjuge	441 (45,6)
Possui Filhos	
Não	271 (28,0)
Sim	697 (72,0)

Variáveis	n (%)
Quantidade de filhos	
Sem filhos	271 (28,0)
1 filho	269 (27,8)
2 filhos	249 (25,7)
3 filhos ou mais	179 (18,5)
Renda	
1º tercil	356 (36,8)
2º tercil	313 (32,3)
3º tercil	299 (30,9)
Moradia	
Casa/Apartamento em condomínio	172 (17,8)
Casa/Apartamento fora de condomínio	796 (82,2)
Formação concluída	
Graduação	190 (19,6)
Especialização	607 (62,7)
Mestrado	119 (12,3)
Doutorado	52 (5,4)
Esfera de ensino de atuação	
Ensino superior	101 (10,4)
Ensino básico	867 (89,6)
Formação Pós-Graduação em curso	
Não está cursando Pós-Graduação	790 (81,6)
Especialização	107 (11,1)
Mestrado	51 (5,2)
Doutorado	20 (2,1)
Atividade física de lazer	
Ativos ^a	554 (57,2)
Não ativos ^b	414 (42,8)
Atividade física no deslocamento	
Ativos ^a	158 (16,3)
Não ativos ^b	810 (83,7)
Atividade física total	
Ativos ^a	604 (62,4)
Não ativos ^b	364 (37,6)

a = Ativos: Atendem as recomendações da Organização Mundial de Saúde em relação à AF no lazer ou deslocamento; b = Não ativos: Não atendem as recomendações da Organização Mundial de Saúde em relação à atividade física no lazer e no deslocamento.

Quanto a moradia, 82,2% dos docentes viviam em casa ou apartamento fora de condomínio. A maioria possuía especialização (62,7%) e 81,6% não cursava pós-graduação. Já a prevalência de docentes que praticam AF suficiente no domínio lazer foi de 57,2% entre os professores das escolas 56,6% e 62,4% entre os docentes universitários. No domínio do deslocamento, apenas 16,3% praticam AF suficiente. Considerando ambos os domínios, a prevalência de AF suficiente foi de 62% (Tabela 1).

A Tabela 2 mostra que os homens praticam AF suficiente nos domínios lazer ($p < 0,001$), deslocamento

Tabela 2 – Prevalência atividade física de lazer, deslocamento e combinada associado a fatores sociodemográficos de professores da rede básica e superior de Macapá, Amapá, Brasil

Variáveis	Atividade física de lazer (n %)	p-valor	Atividade física de deslocamento (n%)	p-valor	Atividade física combinado (n%)	p-valor
Gênero*		< 0,001		0,023		< 0,001
Masculino	261 (64,5)		79 (19,7)		282 (69,6)	
Feminino	293 (52,0)		79 (13,9)		322 (57,2)	
Raça/cor*		0,334		0,051		0,338
Parda	348 (56,8)		106 (17,3)		379 (61,8)	
Preta	71 (59,7)		20 (16,8)		80 (67,2)	
Branca	120 (55,7)		25 (11,6)		130 (60,2)	
Amarela	11 (84,6)		5 (38,5)		11 (84,6)	
Indígena	4 (57,1)		2 (28,6)		4 (57,1)	
Idade (anos) ^b		0,423		0,004		0,626
21-29	40 (60,6)		14 (21,2)		46 (69,7)	
30-39	142 (60,4)		24 (10,2)		150 (63,8)	
40-49	228 (58,0)		59 (15,0)		244 (62,1)	
50-59	116 (52,3)		48 (21,6)		134 (60,4)	
60+	28 (53,9)		13 (25,0)		30 (57,7)	
Estado Civil*		0,389		0,598		0,437
Com companheiro/a ou cônjuge	295 (56,0)		83 (15,8)		323 (61,3)	
Sem companheiro/a ou cônjuge	259 (58,7)		75 (17,0)		281 (63,7)	
Possui Filhos*		0,010		0,466		0,019
Não	173 (63,8)		48 (17,7)		419 (60,1)	
Sim	381 (54,7)		110 (15,8)		185 (68,3)	
Quantidade de filhos		< 0,001		0,810		< 0,001
Sem filhos	176 (64,7)		48 (17,6)		187 (68,5)	
1 filho	143 (53,4)		39 (14,5)		161 (60,1)	
2 filhos	153 (61,7)		41 (16,5)		164 (66,1)	
3 filhos ou mais	82 (45,8)		30 (16,8)		92 (51,4)	
Renda ^b		0,213		0,401		0,146
1º tercil	191 (53,6)		65 (18,3)		208 (58,4)	
2º tercil	188 (60,1)		50 (16,0)		203 (65,2)	
3º tercil	175 (58,5)		43 (14,4)		192 (64,2)	
Moradia*		0,043		0,434		0,324
Casa/Apart. em condomínio	109 (63,4)		26 (15,1)		113 (65,7)	
Casa/Apart. fora de condomínio	445 (55,9)		132 (16,6)		491 (61,7)	
Formação concluída*		0,032		0,074		0,021
Graduação	107 (56,2)		33 (17,4)		117 (61,6)	
Especialização	332 (54,7)		93 (15,3)		364 (60,0)	
Mestrado	79 (66,7)		17 (14,3)		82 (68,9)	
Doutorado	36 (69,2)		15 (28,9)		41 (78,9)	
Esfera de ensino de atuação*		0,269		0,884		0,280
Ensino superior	63 (62,4)		17 (16,8)		68 (67,3)	
Ensino básico	491 (56,6)		141 (16,3)		536 (61,8)	
Cursando Pós-Graduação*		0,263		0,835		0,674
Não está cursando	452 (54,2)		131 (16,6)		495 (62,7)	
Especialização	55 (51,4)		18 (16,8)		14 (70,0)	
Mestrado	33 (64,7)		6 (11,8)		33 (64,7)	
Doutorado	14 (70,0)		3 (15,0)		62 (57,9)	

a = atividade física combinada (atividade física de lazer + atividade física de deslocamento); b = teste de tendência linear; *teste do qui-quadrado.

($p = 0,023$) e AF combinada ($p < 0,001$). Docentes com 60 anos ou mais também apresentaram maior prevalência de prática suficiente no deslocamento em comparação com os mais jovens ($p = 0,004$).

Docentes sem filhos apresentaram maior prevalência de AF no lazer ($p < 0,001$) e na AF combinada ($p = 0,019$), em comparação com aqueles com três filhos ou

mais. A prática de AF combinada foi mais prevalente entre os docentes com doutorado ($p = 0,021$) e no lazer ($p = 0,032$) e entre aqueles que residem em casa ou apartamento em condomínio ($p = 0,043$). A esfera de atuação (básica ou superior) não se associou significativamente à prática de AF, embora docentes do ensino superior apresentaram prevalências ligeiramente maiores.

Tabela 3 – Análise bruta e ajustada da associação entre professores ativos fisicamente no lazer e fatores sociodemográficos

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada	
	Razão de prevalência (IC 95%) ^a	Valor p	Razão de prevalência (IC 95%) ^a	Valor p
Gênero		<0,001		<0,001 ^a
Masculino	1		1	
Feminino	0,80 (0,72; 0,90)		0,81 (0,72; 0,91)	
Raça/cor		0,784		0,103 ^a
Parda	1		1	
Preta	1,05 (0,90; 1,24)		1,02 (0,87; 1,20)	
Branca	0,98 (0,85; 1,12)		0,97 (0,85; 1,11)	
Amarela	1,49 (1,17; 1,90)		1,40 (1,09; 1,80)	
Indígena	1,00 (0,52; 1,91)		0,92 (0,50; 1,69)	
Idade (anos)		0,449		0,473 ^b
21-29	1		1	
30-39	1,00 (0,80; 1,24)		0,98 (0,78; 1,23)	
40-49	0,96 (0,77; 1,18)		0,99 (0,79; 1,25)	
50-59	0,86 (0,68; 1,09)		0,92 (0,71; 1,18)	
60+	0,89 (0,65; 1,22)		0,93 (0,66; 1,31)	
Estado Civil		0,387		0,473 ^b
Com companheiro/a ou cônjuge	1		1	
Sem companheiro/a ou cônjuge	1,05 (0,94; 1,17)		1,04 (0,93; 1,17)	
Possui filhos		0,007		0,556 ^c
Não	1		1	
Sim	0,86 (0,77; 0,96)		1,06 (0,74; 1,50)	
Quantidade de filhos		0,006		0,012 ^c
Sem filhos	1		1	
1 filho(a)	0,83 (0,72; 0,95)		0,80 (0,55; 1,16)	
2 filhos(as)	0,96 (0,84; 1,09)		0,93 (0,65; 1,33)	
3 filhos(as) ou mais	0,71 (0,59; 0,85)		0,69 (0,48; 1,01)	
Renda		0,224		0,344 ^c
1º tercil	1		1	
2º tercil	1,12 (0,98; 1,28)		1,08 (0,95; 1,25)	
3º tercil	1,09 (0,95; 1,25)		1,00 (0,86; 1,15)	
Moradia		0,057		0,078 ^d
Casa/Apart. em condomínio	1		1	
Casa/Apart. fora de condomínio	0,88 (0,78; 1,00)		0,89 (0,78; 1,01)	
Formação concluída		0,013		0,168 ^c
Graduação	1		1	
Especialização	0,97 (0,84; 1,12)		0,96 (0,83; 1,10)	
Mestrado	1,18 (0,98; 1,41)		1,12 (0,99; 1,35)	
Doutorado	1,23 (0,99; 1,53)		1,19 (0,90; 1,57)	

Continua...

Continuação de **Tabela 3** – Análise bruta e ajustada da associação entre professores ativos fisicamente no lazer e fatores sociodemográficos

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada	
	Razão de prevalência (IC 95%) ^a	Valor p	Razão de prevalência (IC 95%) ^a	Valor p
Esfera de ensino de atuação		0,243		0,492 ^d
Ensino superior	1		1	
Ensino básico	0,91 (0,77; 1,07)		0,94 (0,80; 1,11)	
Cursando Pós-Graduação		0,208		0,168 ^d
Não está cursando	1		1	
Especialização	1,26 (0,96; 1,66)		1,26(0,95; 1,66)	
Mestrado	1,36 (0,97; 1,92)		1,27(0,91; 1,77)	
Doutorado	1,11 (0,92; 1,35)		1,12 (0,80; 1,11)	

* Razão de Prevalência (IC 95%): Regressão de Poisson com variância robusta; a = Ajustada por idade, estado civil moradia, renda em tercis, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação; b = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, renda em tercis, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; c = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; d = Ajustada por gênero, raça/cor, idade e renda.

res em todos os domínios.

Na Tabela 3, a análise bruta e ajustada mostrou que homens ($p < 0,001$) e docentes que não tinham filhos ($p = 0,012$) apresentaram maior prevalência de AF no lazer. A Tabela 4 mostra que as mulheres apresentaram menor prevalência de AF no deslocamento, tanto na análise bruta ($RP = 0,71$; IC 95%: 0,53 – 0,94) quanto na ajustada ($RP = 0,72$; IC 95%: 0,54 – 0,96). Docentes da raça amarela apresentaram prevalência aproximadamente três vezes maior ($RP = 3,18$; IC 95%: 1,53 – 6,62) de praticarem AF suficiente que os da raça/cor parda.

Embora os docentes com 60 anos ou mais tenham uma prevalência de 18% ($RP = 1,18$; IC 95%: 0,61 – 2,28) maior de AF no deslocamento em comparação àqueles com idade entre 21–29 anos, esse resultado não foi significativo. Além disso, docentes com doutorado apresentaram uma prevalência 2,5 vezes maior de AF no deslocamento em comparação àqueles com formação em nível de graduação ($RP = 2,51$; IC 95%: 1,36 – 4,62) (Tabela 4).

A Tabela 5 apresenta os resultados brutos e ajustados da associação entre a AF total (combinada) e as variáveis demográficas. Na análise ajustada, mulheres apresentaram menor prevalência ($RP = 0,81$; IC 95%: 0,74 – 0,90) de AF total em comparação aos homens. Docentes com três filhos ou mais ($RP = 0,80$; IC 95%: 0,55 – 1,15) apresentaram menor prevalência de AF total em comparação com aqueles que não tinham filhos, porém essa associação não foi estatisticamente significativa.

Em relação à titulação, docentes com doutorado apresentaram prevalência maior ($RP = 1,25$; IC 95%: 1,03 – 1,51), indicando associação estatística significativa, enquanto especialistas ($RP = 0,99$; IC 95%: 0,87

– 1,13) e mestres ($RP = 1,07$; IC 95%: 0,90 – 1,27), não apresentaram significância estatística. As demais variáveis não tiveram associação significativa.

A análise das interações mostrou ausência de efeito conjunto entre gênero e presença de filhos ($p = 0,932$) gênero e nível de formação acadêmica ($\chi^2 (3) = 2,06$; $p = 0,561$), idade e estado civil ($\chi^2 = 4,84$; $p = 0,304$). Por outro lado, houve interação entre faixa etária e pós-graduação em curso ($\chi^2 [11] = 28,08$; $p = 0,003$), indicando que a relação entre estar em formação continuada e AF varia conforme a idade dos docentes. Além disso, a quantidade de filhos varia conforme estado civil dos docentes ($\chi^2 = 18,49$; $p = 0,010$) sobre a prática de AF.

Discussão

O estudo objetivou analisar a prevalência de professores das redes básica e superior que atendem as recomendações atuais¹⁸ para AF de lazer e deslocamento associado a fatores sociodemográficos. Inicialmente o estudo identificou predominância feminina na docência, em concordância com achados de estudos epidemiológicos sobre AF entre professores^{13,23–25}. Esse perfil reforça a importância de abordagens sobre a saúde da mulher no contexto educacional brasileiro, tanto na educação básica quanto na superior²³.

A maioria dos docentes se autodeclarou parda, refletindo o perfil populacional do Amapá, onde predominam pessoas pardas²⁶, em um contexto marcado pela miscigenação indígena, quilombola e ribeirinha. O perfil sociodemográfico identificado – faixa etária entre 40–49 anos, com companheiro(a), sem filhos, moradia fora de condomínio, com especialização e sem cursar pós-graduação – é semelhante ao descrito em estudos

Tabela 4 – Análise bruta e ajustada da associação entre professores ativos fisicamente no deslocamento e fatores sociodemográficos

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada	
	Razão de prevalência (IC 95%)*	Valor p	Razão de prevalência (IC 95%)*	Valor p
Gênero		0,019		0,027 ^a
Masculino	1		1	
Feminino	0,71 (0,53; 0,94)		0,72 (0,54; 0,96)	
Raça/cor		0,034		0,006 ^a
Parda	1		1	
Preta	0,97 (0,63; 1,50)		0,94 (0,61; 1,47)	
Branca	0,66 (0,44; 1,00)		0,70 (0,46; 1,04)	
Amarela	2,22 (1,09; 4,52)		3,18 (1,53; 6,62)	
Indígena	1,65 (0,50; 5,40)		1,35 (0,37; 4,92)	
Idade (anos)		0,004		<0,001 ^b
21-29	1		1	
30-39	0,48 (0,26; 0,88)		0,50 (0,26; 0,94)	
40-49	0,71 (0,42; 1,19)		0,83 (0,46; 1,49)	
50-59	1,02 (0,60; 1,73)		1,25 (0,70; 2,26)	
60+	1,18 (0,61; 2,28)		1,40 (0,69; 2,84)	
Estado Civil		0,598		0,592 ^b
Com companheiro/a ou cônjuge	1		1	
Sem companheiro/a ou cônjuge	1,07 (0,81; 1,43)		1,08 (0,80; 1,47)	
Possui filhos		0,464		0,639 ^c
Não	1		1	
Sim	0,89 (0,65; 1,21)		0,77 (0,26; 2,30)	
Quantidade de filhos		0,812		0,942 ^c
Sem filhos	1		1	
1 filho(a)	0,82 (0,56; 1,21)		1,02 (0,32; 3,25)	
2 filhos(as)	0,94 (0,64; 1,37)		1,13 (0,36; 3,57)	
3 filhos(as) ou mais	0,95 (0,63; 1,44)		1,00 (0,32; 3,11)	
Renda		0,379		0,029 ^c
1º tercil	1		1	
2º tercil	0,86 (0,61; 1,20)		0,71 (0,50; 1,00)	
3º tercil	0,78 (0,55; 1,11)		0,62 (0,43; 0,90)	
Moradia		0,639		0,757 ^d
Casa/Apart. em condomínio	1		1	
Casa/Apart. fora de condomínio	1,10 (0,74; 1,61)		0,94 (0,64; 1,39)	
Formação concluída		0,053		<0,001 ^c
Graduação	1		1	
Especialização	0,88 (0,61; 1,27)		0,95 (0,64; 1,39)	
Mestrado	0,82 (0,48; 1,40)		0,94 (0,52; 1,67)	
Doutorado	1,66 (0,98; 2,81)		2,51 (1,36; 4,62)	
Esfera de ensino de atuação		0,243		0,291 ^d
Ensino superior	1		1	
Ensino básico	0,97 (0,61; 1,52)		1,32 (0,78; 2,23)	
Cursando Pós-Graduação		0,847		0,949 ^d
Não está cursando	1		1	
Especialização	0,70 (0,30; 1,66)		0,78 (0,33; 1,83)	
Mestrado	0,89 (0,29; 2,75)		1,01 (0,35; 2,90)	
Doutorado	0,99 (0,63; 1,54)		0,95 (0,61; 1,48)	

*Razão de Prevalência (IC 95%): Regressão de Poisson com variância robusta; a = Ajustada por idade, estado civil moradia, renda em tercis, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação; b = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, renda em tercis, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; c = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; d = Ajustada por gênero, raça/cor, idade e renda.

Tabela 5 – Análise bruta e ajustada da associação entre atividade física combinada* e fatores sociodemográficos

Variáveis	Análise bruta		Análise ajustada	
	Razão de prevalência (IC 95%) [#]	Valor p	Razão de prevalência (IC 95%) [#]	Valor p
Gênero		<0,001		<0,001 ^a
Masculino	1		1	
Feminino	0,82 (0,74; 0,90)		0,81 (0,74; 0,90)	
Raça/cor		0,784		0,103 ^a
Parda	1		1	
Preta	1,09 (0,95; 1,25)		1,08 (0,94; 1,24)	
Branca	0,97 (0,86; 1,10)		0,98 (0,86; 1,10)	
Amarela	1,37 (1,08; 1,74)		1,37 (1,09; 1,74)	
Indígena	0,92 (0,48; 1,76)		0,86 (0,46; 1,60)	
Idade		0,580		0,065 ^b
21-29	1		1	
30-39	0,91 (0,76; 1,10)		0,91 (0,76; 1,10)	
40-49	0,89 (0,75; 1,06)		0,92 (0,76; 1,10)	
50-59	0,87 (0,72; 1,04)		0,89 (0,74; 1,09)	
60+	0,83 (0,62; 1,10)		0,83 (0,63; 1,11)	
Estado Civil		0,436		0,354 ^b
Com companheiro/a ou cônjuge	1		1	
Sem companheiro/a ou cônjuge	1,04 (0,94; 1,15)		1,04 (0,94; 1,16)	
Possui filhos		0,013		0,851 ^c
Não	1		1	
Sim	0,88 (0,80; 0,97)		0,97 (0,69; 1,37)	
Quantidade de filhos		0,006		0,012 ^c
Sem filhos	1		1	
1 filho(a)	0,88 (0,77; 0,95)		0,93 (0,65; 1,33)	
2 filhos(as)	0,96 (0,84; 1,09)		1,02 (0,72; 1,47)	
3 filhos(as) ou mais	0,71 (0,59; 0,85)		0,80 (0,55; 1,15)	
Renda		0,182		0,192 ^c
1º tercil	1		1	
2º tercil	1,11 (0,98; 1,25)		1,11 (0,99; 1,26)	
3º tercil	1,10 (0,97; 1,23)		1,08 (0,96; 1,22)	
Moradia		0,307		0,396 ^d
Casa/Apart. em condomínio	1		1	
Casa/Apart. fora de condomínio	0,94 (0,83; 1,06)		0,95 (0,84; 1,07)	
Formação concluída		0,002		0,035 ^c
Graduação	1		1	
Especialização	0,97 (0,86; 1,11)		0,99 (0,87; 1,13)	
Mestrado	1,12 (0,95; 1,32)		1,07 (0,90; 1,27)	
Doutorado	1,28 (1,07; 1,53)		1,25 (1,03; 1,51)	
Esfera de ensino de atuação		0,251		0,396 ^d
Ensino superior	1		1	
Ensino básico	0,92 (0,79; 1,06)		0,94 (0,80; 1,11)	
Cursando Pós-Graduação		0,667		0,852 ^d
Não está cursando	1		1	
Especialização	1,12 (0,86; 1,44)		1,13 (0,86; 1,47)	
Mestrado	1,20 (0,87; 1,70)		1,07 (0,76; 1,50)	
Doutorado	1,08 (0,91; 1,28)		1,06 (0,89; 1,25)	

*atividade física combinada (atividade física de lazer + atividade física de deslocamento); #Razão de prevalência (IC 95%): Teste de regressão de Poisson com variância robusta; a = Ajustada por idade, estado civil, moradia, renda em tercils, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação; b = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, renda em tercils, quantidade de filhos, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; c = Ajustada por gênero, raça/cor, moradia, formação e cursando pós-graduação, esfera de ensino; d = Ajustada por gênero, raça/cor, idade e renda.

anteriores^{13-15,22,23,27}, porém, as diferenças regionais, ocupacionais e metodológicas nesses trabalhos limitam comparações diretas, como o caso do estudo¹⁴ que focou em docentes de medicina, ambos com contextos distintos do Amapá.

A prevalência de professores que praticam AF suficiente no lazer em Macapá (57,2%) é comparável à de outras regiões, como Pelotas/Rio Grande do Sul²⁷ (56,4%), Viçosa/Minas Gerais²⁸ (70% pelo Questionário Internacional de Atividade Física) e Belo Horizonte/ Minas Gerais²⁹ (45,5%, durante a pandemia), no entanto, evidenciou-se variações em contextos como o impacto do contexto sanitário (pandemia de covid-19) e discrepâncias conforme o instrumento de mensuração utilizado e amostras com perfis sociodemográficos distintos. Além disso, outras investigações foram conduzidas em regiões mais urbanizadas e com maior infraestrutura para prática de AF, o que pode influenciar os resultados³⁰. Embora este estudo não tenha avaliado diretamente os efeitos da pandemia de covid-19 e da adoção do ensino remoto/híbrido sobre os níveis de AF dos docentes, é plausível que tais mudanças no ambiente de trabalho educacional tenham influenciado nos padrões de AF, especialmente no domínio do deslocamento.

No presente estudo, as professoras tiveram 19% menos chance de serem ativas no lazer em comparação aos professores homens. Esse resultado corrobora achados de pesquisa com docentes que indicam que as mulheres têm 35% menos chance de praticar AF no lazer do que os homens³¹. Possivelmente, a dupla jornada e as tarefas domésticas reduzem a motivação e as oportunidades das mulheres para praticar AF, além da baixa oferta de espaços esportivos, predominantemente ocupadas por homens no futebol, refletindo nos menores índices de AF entre professoras³¹.

Docentes com três filhos/as ou mais tendem a praticar menos AF, mesmo após o ajuste por variáveis, como gênero, raça/cor, moradia, esfera de ensino e formação. De forma semelhante, outro estudo³², demonstrou percentuais menores de AF entre adultos com três filhos. O domínio que apresentou os menores níveis de AF foi o deslocamento (16,3%). Na análise multivariável as mulheres possuíam 29% menos chance de serem ativas no deslocamento.

Uma pesquisa sobre tendência temporal entre as capitais da região Norte mostrou que a prevalência de deslocamento ativo reduziu de 21,8% em 2009 para 12,2% em 2013³³. Outro estudo³⁴ demonstrou baixo percentual de prática de AF suficiente nesse domínio. Comparando a quilometragem de ciclovias e ciclofa-

xas entre capitais, Macapá, com apenas 3,45 km fica em antepenúltimo lugar, à frente apenas de Manaus (1,55 km) e São Luiz (3,23 km) desfavorecendo a prática de AF no deslocamento¹⁴. Porém, este estudo analisou um período anterior a políticas recentes de mobilidade urbana, e não focou especificamente com docentes, o que pode limitar sua aplicabilidade direta. Embora não tenham sido encontrados estudos com análise multivariável sobre deslocamento para docentes da rede básica e superior, dados do Vigitel³³ com 54.369 adultos indicaram que os homens tinham 26% mais chance de praticarem AF suficiente que as mulheres neste domínio.

Em relação à raça/cor, mesmo após ajustes para outras variáveis, aqueles de raça/cor amarela praticam mais AF suficiente no deslocamento. Esse achado pode fornecer *insights* sobre as desigualdades no acesso e na prática de AF entre docentes de diferentes origens étnico-raciais. Não há estudos nacionais indicando dados específicos sobre a prevalência de AF no deslocamento para pessoas “amarelas” no Brasil, principalmente entre docentes³⁴. A maioria das pesquisas agrupam as categorias “amarela” e “indígena”, dificultando análises específicas para este grupo racial³⁵.

Em relação a idade, muitos estudos^{13,34-36} indicam maior prevalência de AF entre os mais jovens, no entanto, o presente estudo não confirmou este achado. Essa divergência pode ser explicada por diferenças metodológicas e contextuais. Enquanto nosso estudo tem foco específico em docentes – grupo com perfil educacional e ocupacional mais homogêneo e possivelmente mais consciente dos benefícios da AF – os demais estudos analisaram amostras populacionais mais amplas e apresentaram maior heterogeneidade ocupacional.

Não houve associação entre local de residência e níveis de AF entre os docentes após ajuste por gênero, raça/cor, idade e renda. Uma possível explicação é que o nível socioeconômico dos docentes, independentemente do tipo de moradia, seja semelhante e, portanto, não influencie significativamente seus níveis de AF.

Docentes com título de doutor apresentaram 23% maior chance de praticar AF suficiente no lazer. Além disso, tiveram maior probabilidade de praticar AF suficiente no deslocamento e na AF combinada, mesmo após ajuste. Embora o Amapá tenha menos docentes doutores que outras regiões, os dados mostram que indivíduos com maior escolaridade tendem a praticar mais AF. Isso pode estar relacionado a características como: maior sensibilização sobre saúde, acesso a recursos e oportunidades, além de diferenças nos ambientes sociais.

O estudo possui algumas limitações que precisam ser levadas em consideração. Por se tratar de um estudo transversal, não é possível determinar relação causal entre algumas variáveis. Os dados foram coletados por questionário autopreenchido, o que pode estar sujeito a viés de memória ou informação, como o viés de desejabilidade social – tendência dos participantes a se apresentarem como praticante de AF suficiente mais do que realmente são. Além disso, o estudo não detalha aspectos inerentes ao ambiente urbano como segurança, infraestrutura, que podem influenciar a AF, especialmente no deslocamento. Também não avaliou a rotina de docentes idosos ou acesso em áreas de lazer em condomínios.

Apesar das limitações, este estudo apresenta importantes contribuições. Trata-se do primeiro trabalho a realizar análise multivariável sobre os níveis de AF de lazer e deslocamento entre docentes na cidade de Macapá/Amapá, uma região historicamente carente de dados sobre o tema. A amostragem representativa os resultados e contribui para suprir a escassez de dados sobre docentes na região Norte. O estudo ajuda a identificar em quais domínios os docentes são mais ativos, facilitando a compreensão dos desafios para promover a prática. Melhorias na infraestrutura urbana beneficiam quem é ativo no deslocamento, enquanto programas específicos de AF auxiliam os ativos no lazer. Ressalta-se ainda que o Questionário Internacional de Atividade Física pode superestimar os níveis de AF auto referidos.

Conclusão

Os professores apresentaram níveis satisfatórios de AF de lazer, no entanto, baixa AF no deslocamento. Professores do gênero masculino praticam AF suficiente, assim como aqueles sem filhos e com título de doutor e auto referido como raça/cor amarela. Futuros estudos devem aprofundar as barreiras e facilitadores da prática de AF em diferentes grupos demográficos da categoria docente, considerando as características culturais e ambientais da região amazônica.

Os achados indicam que muitos docentes praticam AF suficiente no deslocamento, mas não no lazer, o que pode sugerir uma prática restrita às demandas funcionais da rotina. Já a prevalência de AF no lazer entre os docentes pode estar relacionada a escolhas vinculadas ao uso do tempo livre.

Reforça-se ainda a necessidade de estratégias institucionais para promover estilos de vida ativos entre

docentes, com ênfase em infraestrutura adequada para a prática de AF e ações que conciliem trabalho e vida pessoal. O desenvolvimento de políticas específicas para docentes mulheres e com filhos, como investimentos em infraestrutura urbana, programas de mobilidade ativa e oferta de AF nas instituições podem ser facilitadores da prática de AF neste grupo.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Contribuição dos autores

Costa DJS: Conceitualização; Metodologia; Validação de dados e experimentos; Análise de dados; Pesquisa; Curadoria de dados; Administração do projeto; Design da apresentação de dados; Redação do manuscrito original; Redação - revisão e edição; Aprovação da versão final do manuscrito. Reichert FF: Análise de dados; Supervisão; Administração do projeto; Design da apresentação de dados; Redação - revisão e edição; Aprovação da versão final do manuscrito.

Declaração quanto ao uso de ferramentas de inteligência artificial no processo de escrita do artigo

Os autores não utilizaram de ferramentas de inteligência artificial para elaboração do manuscrito.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Agradecimentos

Os autores agradecem aos professores participantes da pesquisa, ao programa de Pós-Graduação em Educação Física/Universidade Federal de Pelotas.

Referências

1. Warburton DER, Nicol CW, Bredin SSD. Health benefits of physical activity: the evidence. *CMAJ*. 2006;174(6):801–9. doi: <http://doi.org/10.1503/cmaj.051351>
2. Biddle SJH, Mutrie N, Gorely T. *Psychology of physical activity: determinants, well-being and interventions*. 3rd ed. London: Routledge; 2015.
3. Cunha SDM, Matos Sobrinho JA, Silveira AR. Vivências, condições de trabalho e processo saúde-doença: retratos da realidade docente. *Educ Rev*. 2024;40:e36820. doi: <http://doi.org/10.1590/0102-469836820>
4. Chen K, Chen C. Emotional Labor on their Well-Being and Job Satisfaction. *Revista Características Sociale*. 2022;(78):123–32. doi: <http://doi.org/10.33788/rcis.78.8>

5. Fernández-Suárez I, García-González MA, Torrano F, García-González G. Estudo da prevalência de burnout em professores universitários no período 2005–2020. *Educação Res Int.* 2021;1–10. doi: <http://doi.org/10.1155/2021/7810659>
6. Barroso I, Monteiro M, Rodrigues V, Antunes M, Almeida C, Lameirao J. Estilos de vida e bem-estar em Professores. *Motricidades.* 2019;15(3):21–5. doi: <http://doi.org/10.6063/motricidade.20124>
7. Antela BB, Leirós-Rodriguez R, García-Soidán JL. Son los adultos un modelo de conducta influyente en los hábitos de actividad física de los menores? Un estudio observaciones de la población. *Retos.* 2021;39:306 –11. doi: <https://doi.org/10.47197/retos.v0i39.78528>
8. Brito WF, Santos CL, Marcolongo Ado A, Campos MD, Bocalini DS, Antonio EL, et al. Physical activity levels in public school teachers. *Rev Saude Publica.* 2012;46(1):104–9. doi: <http://doi.org/10.1590/s0034-89102012000100013>
9. Reis ASF, Oliveira BG, Bomfim ES, Boery RNS, Boery EM. Avaliação da influência do nível de atividade física na qualidade de vida do professor universitário. *Arq. Ciênc. Saúde.* 2017;24(1):75–80. doi: <http://dx.doi.org/10.17696/2318-3691.24.1.2017.537>
10. Fontana F, Bourbeau K, Moriarty T, da Silva MP. The Relationship between Physical Activity, Sleep Quality, and Stress: A Study of Teachers during the COVID-19 Pandemic. *Int J Environ Res Public Health.* 2022;19(23):154–65. doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph192315465>
11. Shrestha R, Pahari DP, Adhikari S, Khatri B, Majhi S, Adhikari TB, et al. Physical activity and its correlates among school teachers in a semi-urban district of Nepal. *PLOS Glob Public Health.* 2023;3(10):e0002000. doi: <http://doi.org/10.1371/journal.pgph.0002000>
12. Hafele V, Da Silva MC. Nível de atividade física de professores da cidade de Morro Redondo/RS. *Rev Bras Ativ Fís Saúde.* 2014;9(4):475–83. doi: <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v19n4p475>
13. Lima GEO, Bauman CD, Haikal DS, Silva NSS. Transporte ativo no percurso para o trabalho de professores da rede pública de ensino de Minas Gerais. *Perspec. Dial.* 2024; 11(26):241–56. doi: <https://doi.org/10.55028/pdres.v11i26.19731>
14. Souza F, Lins ICT, Silva DLA, Viana SEP, Silva FMA, Iser BPM. Níveis de atividade física e fatores associados entre professores de medicina. *Ciênc. & Saúde.* 2019;12(3):1–8. doi: <https://doi.org/10.15448/1983-652X.2019.3.33643>
15. Antunes HKM, Santos RF, Cassilhas R, Santos RVT, Bueno OFA, Mello MT. Exercício físico e função cognitiva: uma revisão. *Rev Bras Med Esporte.* 2006;12(2):108–14. doi: <http://doi.org/10.1590/S1517-86922006000200011>
16. Isoard-Gauthier S, Ginoux C, Gerber M, Sarrazin P. Stress-burnout relationship: examining the moderating effect of physical activity and intrinsic motivation for off-job physical activity. *Workplace Health Saf.* 2019;67(7):350–60. doi: <http://doi.org/10.1177/2165079919829497>
17. World Health Organization. WHO guidelines on physical activity and sedentary behaviour. Geneva: World Health Organization; 2020. ISBN: 9789240015128.
18. Bull FC, Al-Ansari SS, Biddle S, Borodulin K, Bumam MP, Cardon G, et al. World Health Organization 2020 guidelines on physical activity and sedentary behaviour. *Rev Bras Ativ Fís Saúde.* 2020;54(24):1451–62. doi: <http://doi.org/10.1136/bjsports-2020-102955>
19. Dias SCMP, Gaya AR, Santos MP. Barreiras e facilitadores para a prática de atividade física em diferentes domínios no Brasil: uma revisão sistemática. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2022;27(9):3487–502. doi: <http://doi.org/10.1590/1413-81232022279.04902022>
20. Araldi FM, Poulsen FF, De Azevedo Guimarães AC, Oliveira Farias G, Folle A, et al. Qualidade de vida de professores do ensino superior: uma revisão sistemática. *Retos.* 2021;(41):459–70. doi: <https://doi.org/10.47197/retos.v0i41.82136>
21. Garcia LM, Osti RF, Ribeiro EHC, Florindo AA. Validação de dois questionários para a avaliação da atividade física em adultos: versão longa do IPAQ (domínios lazer e deslocamento) e questionário Baecke. *Rev Bras Ativ Fís Saúde.* 2016;18(3):317–31. doi: <https://doi.org/10.5007/RBAFS.v18n3p317>
22. Matsudo S, Araújo T, Matsudo V, Andrade D, Andrade E, Oliveira LC, et al. Questionário Internacional de Atividade Física (IPAQ): estudo de validade e reprodutibilidade no Brasil. *Rev Rev Bras Ativ Fís Saúde.* 2001;6(2):5–18. doi: <https://doi.org/10.12820/rbafs.v.6n2p5-18>
23. Silva RVS, Moreira AD, Magalhães TA, Vieira MRM, Haikal, DS. Fatores associados à prática de atividade física entre professores do nível básico. *J Phys Educ.* 2019;30:e3037. doi: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v30i1.3037>
24. Souza LR, Melo LS, Santos JV, Lopes EL, Haikal DS, Rossi-Barbosa LAR, et al. Níveis de Atividade Física e Estágios de Mudança de Comportamento de Professores da Educação Básica. *Revista Cereus.* 2024;16(2):308–21. doi: <http://doi.org/10.18605/2175-7275/cereus.v16n2p308-321>
25. Dias DF, Messas AE, Gonzalez AD, Andrade SM, Loch MR. Fatores ocupacionais e atividade física em professores da educação básica da rede pública: uma coorte prospectiva. *Cienc. Saúde coletiva.* 2021;27(03):1223–36. doi: <http://doi.org/10.1590/1413-81232022273.02472021>
26. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE; 2022.
27. Canabarro LK, Neutzling MB, Rombaldi AJ. Nível de atividade física no lazer de professores de Educação Física do ensino básico. *Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde.* 2011;16(1):11–7. doi: <http://doi.org/10.12820/rbafs.v.16n1p11-17>
28. Silva NSS, Bicalho ACS, Soares KT, Silveira MF, Silva RRV, Haikal DS. Prática de atividade física ao ar livre na pandemia da COVID-19 entre professores do ensino público. *Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde.* 2023;28:1–10. doi: <http://doi.org/10.12820/rbafs.28e0312>
29. Mota Júnior RJ, Ferreira Tavares DD, Viana Gomes Áurea K, Rodrigues de Oliveira RA, Bouzas Marins JC. Nível de atividade física em professores do ensino básico avaliados por dois instrumentos. *J Phys Educ.* 2017;28:e2833. doi: <http://doi.org/10.4025/jphyseduc.v28i1.2833>
30. Rocha SV, Pie ACS, Cardoso JP, Amorim CR, Carneiro LRV, Vilela ABA. Nível de atividade física entre funcionários de uma instituição de ensino superior da Bahia. *Ulbra Mov.* 2011;2(1):16–29.
31. Zierer MS, Albuquerque LP, Moura KB, Araújo RMS. Level of physical activity and possible barriers to practice in teachers at a public university of Piauí. *Ciênc Saúde.* 2024;28(131):1–8. doi: <http://doi.org/10.5281/zenodo.10721864>
32. Dias J, Dusmann Junior M, Costa MAR, Francisqueti V, Higarashi IH. Prática de atividade física em docentes do ensino superior: foco na qualidade de vida. *Esc Anna Nery.* 2017;21(4):1–6. doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0110>

33. Mielke G, Costa D, Stopa S, Oliveira-Campos M, Pureza D, Silva M. Tendência temporal de indicadores da prática de atividade física e comportamento sedentário nas capitais da Região Norte do Brasil: 2006–2013. *Rev. Bras. Ativ. Fís. Saúde.* 2015;20(2):130-40. doi: <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.20n2p130>
34. Las Casas RCR, Bernal RTI, Jorge AO, Melo EM, Malta DC. Fatores associados à prática de atividade física na população brasileira – Vigitel 2013. *Saúde Debate.* 2018;42(spe4):134-44. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s410>
35. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal. Rio de Janeiro: IBGE; 2020. Available from: <<https://loja.ibge.gov.br/pesquisa-nacional-de-saude-2019-percepc-o-do-estado-de-saude-estilos-de-vida.html>> [2025 May].
36. Keegan THM, Hurley S, Goldberg D, Nelson DO, Reynolds P, Bernstein L, et al. The association between neighborhood characteristics and body size and physical activity in the California Teachers Study cohort. *Am J Public Health.* 2012;102(4):689–97. doi: <http://doi:10.2105/AJPH.2011.300150>

Recebido: 10/06/2025

Revisado: 26/06/2025

Aprovado: 28/07/2025

Editor ChefeRaphael Ritti-Dias 

Universidade Nove de Julho, São Paulo, São Paulo, Brasil.

Editor de SeçãoAntonio Stabelini Neto 

Universidade Estadual do Norte do Paraná, Jacarezinho, Paraná, Brasil.

Como citar este artigo:

Costa DJS, Reichert FF. Prevalência de atividade física e associação com fatores sociodemográficos em docentes de Macapá-Amapá. *Rev. Bras. Ativ. Fis. Saúde.* 2025;30:e0409. doi: 10.12820/rbafs.30e0409

Avaliação dos pareceristas

Avaliador A

Aluísio Andrade-Lima 

Universidade Federal de Sergipe, Brasil.

Formato

- O artigo atende às regras de preparação de manuscritos para submissão à Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde?

Em parte
- Em relação aos aspectos formais, o manuscrito está bem estruturado, contendo as seções: introdução, métodos, resultados e discussão (conclusão como parte da discussão)?

Em parte
- A linguagem é adequada, o texto é claro, preciso e objetivo?

Não
- Foi observado algum indício de Plágio no manuscrito?

Não
- Sugestões/comentários:
- De forma geral, a redação do manuscrito possui falhas gramaticais e de fluidez, com períodos longos e mal pontuados, uso excessivo de conectores, repetições e erros ortográficos. Além disso, a estrutura lógica é pouco coesa e existe uma generalização e falta de precisão teórica.

Resumo/abstract

- O resumo e o abstract são adequados (contendo: objetivo, informações sobre os participantes do estudo, variáveis estudadas, principais resultados e uma conclusão) e retratam o conteúdo do manuscrito?

Sim
- Sugestões/comentários:
- N/A

Introdução

- O problema de pesquisa foi claramente explicitado e delimitado?

Em parte
- O problema de pesquisa está adequadamente contextualizado em relação ao conhecimento já disponível, partindo do geral para o específico?

Em parte

- As razões que justificam (incluindo as pressuposições dos autores sobre o problema) a necessidade do estudo está bem estabelecida na redação?

Em parte

- As referências utilizadas para apoiar a apresentação do problema de pesquisa são atuais e pertinentes à temática?

Não

- O objetivo foi claramente apresentado?

Sim

Sugestões/comentários:

- A introdução carece de uma melhor redação. De fato, existem períodos muito longos e mal pontuados, além de uso excessivo de conectores, repetições e erros ortográficos, como por exemplo: “regulamente”, “científica”, “faixa-etaria”. Adicionalmente, a estrutura de argumentação lógica está pouco coesa. O desenvolvimento das ideias (AF – professores – Brasil – Amazônia) poderia ser mais bem articulada e alguns parágrafos misturam dados, argumentos e justificativas sem ordem clara.
- Existem muitas generalizações e falta de precisão em termos como “atividade física”, “hábitos saudáveis” e “perfil insuficiente”, que são usados sem definição clara ou contextualização com recomendações reconhecidas, como a OMS e ACSM, por exemplo. Além disso, falta uma melhor conceituação das recomendações de AF. Os autores não informam claramente quais são os critérios adotados para definir quem “atinge as recomendações” (quanto minutos? Qual intensidade? Qual referência?). Quais recomendações de atividade física foram utilizadas como referência?
- Os percentuais de prática de AF são listados com pouca clareza (sem autores, anos, contexto populacional ou delineamento dos estudos).
- A justificativa para a comparação entre redes de ensino não foi bem elaborada ou desenvolvida. Apesar do estudo comparar docentes da educação básica e superior, os autores não deixaram claro por que essa comparação é relevante ou o que se espera encontrar de diferente no presente estudo. O que justifica a comparação entre docentes da educação básica e superior?
- O último parágrafo enumera várias lacunas de forma desorganizada, misturando variáveis, regiões e obje-

tivos possíveis sem clareza hierárquica redundante e que não foram bem desenvolvidas ao longo de toda a introdução.

- Como fatores específicos da região norte (clima, urbanização, transporte, segurança, estrutura urbana) podem interferir na prática de AF e nos seus determinantes?
- O domínio do deslocamento é citado, mas não explicado. Quais as definições dos diferentes domínios para a prática de AF? Por que especificamente lazer e deslocamento são importantes para esta população? Por que é importante analisar separadamente esses domínios?
- Existe a necessidade de uma maior ênfase no impacto da AF sobre o desempenho docente ou saúde ocupacional, com uma melhor justificativa prática.
- Qual a originalidade do presente estudo frente aos já existentes? O que ele pretende adicionar?
- Como os fatores sociodemográficos foram definidos ou selecionados?

Métodos

- Os procedimentos metodológicos são, de modo geral, adequados ao estudo do problema de pesquisa?
Sim
- Os procedimentos metodológicos adotados para a realização do estudo estão suficientemente detalhados?
Em parte
- O procedimento adotado para seleção ou recrutamento dos participantes foi adequado para o problema estudado e está descrito de forma suficiente, clara e objetiva?
Sim
- Foram apresentadas informações sobre os instrumentos utilizados na coleta de dados, suas qualidades psicométricas (por exemplo, reprodutibilidade, consistência interna e validade) e, quando pertinente, sobre a definição operacional das variáveis?
Em parte
- O plano de análise de dados é adequado e está adequadamente descrito?
Sim
- Os critérios de inclusão e/ou exclusão de participantes da amostra foram descritos e estão adequados para o estudo?
Em parte
- Os autores forneceram esclarecimentos sobre os procedimentos éticos adotados para a realização da

pesquisa?

Em parte

Sugestões/comentários:

- Similarmente à introdução, existem alguns problemas de redação e clareza, com trechos longos, construções confusas e erros de pontuação (“cujos alguns critérios para escolhas foram estabelecidos”). Além de um uso desnecessário de gênero duplo “os/as professores/as” em excesso; pode-se optar por “docentes”.
- Nenhuma menção sobre o controle ético e logístico da coleta (autorização institucional, consentimento formal, anonimato etc.).
- Por que não foram incluídas escolas com menos de 600 alunos ou mais de 2000? Isso compromete a representatividade?
- Por que os seguintes critérios foram escolhidos para selecionar as escolas: número mínimo de professores (20), distância do centro urbano (30 km) e carga horária (até 24 h/aula)?
- Professores em múltiplas funções (ex: coordenação, direção, ensino) foram incluídos? Isso foi controlado?
- Falta mencionar quem aplicou os questionários, como foi o processo de consentimento e se houve controle de qualidade na aplicação.
- O uso de regressão de Poisson com variância robusta é adequado para razões de prevalência, mas faltou indicar se houve verificação de colinearidade entre variáveis.

Resultados

- O uso de tabelas e figuras é apropriado e facilita a adequada veiculação dos resultados do estudo?
Sim
- A quantidade de ilustrações no artigo está de acordo com o que é estabelecido pelas normas para submissão de manuscritos à revista?
Sim
- O número de participantes em cada etapa do estudo, assim como o número e as razões para as perdas e recusas estão apresentadas no manuscrito?
Sim
- As características dos participantes estão apresentadas e são suficientes?
Sim
- Os resultados estão apresentados de forma adequada, destacando-se os principais achados e evitando-se repetições desnecessárias?

Em parte

Sugestões/comentários:

- Muitos dados numéricos são aglutinados em blocos corridos, dificultando a leitura. Sugiro separar por subtópicos ou parágrafos temáticos.
- Em algumas análises ajustadas, como no deslocamento para ≥60 anos, os IC95% são amplos e cruzam 1, mas ainda são descritos como associação positiva. Algumas comparações são descritas como “associadas” sem que o p-valor ou IC95% sustentem isso. Exemplo: “60 anos ou mais apresentaram uma prevalência de 18% maior...”, mas IC95% (0,61–2,28) não indica significância.
- Houve diferença significativa entre os professores da rede básica e os do ensino superior? Isso é importante, já que a comparação entre níveis era parte da proposta.
- Houve controle para possíveis interações entre variáveis (ex: gênero x filhos; idade x pós-graduação)?

Discussão

- Os principais achados do estudo são apresentados?
Em parte
- As limitações e os pontos fortes do estudo são apresentados e discutidos?
Em parte
- Os resultados são discutidos à luz das limitações do estudo e do conhecimento já disponível sobre o assunto?
Em parte
- As contribuições potenciais dos principais achados do estudo para o desenvolvimento científico, inovação ou intervenção na realidade são discutidas pelos autores?
Em parte

Sugestões/comentários:

- Na discussão, os autores interpretam como “associação” resultados que não foram estatisticamente significativos. Exemplo: “apresentaram 18% a mais de chance...” com IC95% que inclui 1. Além de mencionar testes post hoc que não foram apresentados nos métodos ou resultados.
- Preocupa um pouco a extração dos resultados sem suporte direto no estudo, como rotinas de docentes idosos ou acesso a áreas de lazer em condomínios sem medir essas variáveis.
- Os autores citam alguns estudos relevantes, mas não os integram de forma crítica (ex: não discute diver-

gências, metodologias diferentes ou limitações dos estudos comparados).

- O que significa, na prática, um professor ser fisicamente ativo apenas no deslocamento ou apenas no lazer?
- Como os achados do Amapá se comparam com outras regiões do Norte ou com médias nacionais?
- Que políticas públicas locais poderiam ser incentivadas a partir dos resultados?
- Quais implicações práticas os achados trazem para as instituições de ensino em relação à saúde do docente?
- Como a pandemia (recente) e o modelo híbrido ou remoto impactam esse comportamento (mesmo que não seja parte do estudo, poderia ser citado como implicação futura)?

Conclusão

- A conclusão do estudo foi apresentada de forma adequada e é coerente com o objetivo do estudo?
Sim
 - A conclusão do estudo é original?
Sim
- Sugestões/comentários:**
- N/A

Referências

- As referências são atualizadas e suficientes?
Em parte
 - A maior parte é composta de referências de artigos originais?
Sim
 - As referências atendem as normas da revista [quantidade e formato]?
Em parte
 - A citação no texto é adequada, ou seja, as afirmações no texto citam referências que de fato substanciam tais afirmações?
Em parte
- Sugestões/comentários:**
- Boa parte das referências não têm consistência na formatação.

Parecer final (Decisão)

- Rejeitar

Avaliador B

Não autorizou a publicação do parecer.